

## Whitney tem US\$ 300 milhões para AL

Mônica Scaramuzzo

Grupo americano pretende destinar US\$ 200 milhões para compra de faculdades no Brasil até 2013.



Marcelo Aguiar, da Whitney: grupo está analisando seis propostas de aquisição e planeja estar entre os cinco maiores do país, com 200 mil alunos

O grupo americano Whitney planeja investir US\$ 300 milhões em aquisições de instituições de ensino superior na América Latina, dos quais US\$ 200 milhões no Brasil. Marcelo Aguiar, vice-presidente sênior de desenvolvimento corporativo da companhia, disse ao Valor que o grupo está analisando, neste momento, seis propostas para expandir seus negócios no país.

Esses investimentos deverão ser feitos até 2013, segundo Aguiar. "A Whitney pretende atingir a marca de 200 mil alunos no Brasil, o que nos colocaria entre os cinco maiores grupos de instituições de ensino do país", disse o executivo, que atuou nos últimos 10 anos como diretor do AIG Capital, coordenando investimentos de private equity na América Latina. De acordo com Aguiar, o grupo está olhando três ativos em São Paulo, um no Nordeste, um no Sul do país e um outro no Centro-Oeste.

Criado há seis anos, o grupo tem como foco investir em instituições de ensino na América Latina. Nesse período, a Whitney já aplicou cerca de US\$ 250 milhões em aquisições no Brasil, Chile, Argentina, Colômbia e Panamá, que totalizam cerca de 90 mil estudantes. Tradicionalmente, a Whitney adquire 80% do negócio e mantém o sócio local com 20%. "Nada impede que compremos 100% do negócio", disse.

No Brasil, a companhia adquiriu no início deste ano a Universidade Veiga de Almeida, localizada no Rio de Janeiro. O grupo também controla o Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), em Salvador. Atualmente, a operação brasileira é a mais importante para o grupo americano que possui cerca de 32 mil alunos no país. Segundo dados do Inep, entidade do MEC, 15 mil estudantes são da Veiga Almeida e os outros 17 mil são da Unijorge.

Atualmente, os maiores investidores em instituições de ensino no país são os grupos Kroton, Anhanguera, Laureate e Estácio, que somam, juntos, cerca de 600 mil estudantes.

Segundo Aguiar, há cerca de 2 mil instituições de ensino privadas no Brasil. "Os maiores grupos detêm apenas 25% desse mercado. Ou seja, há muito espaço para consolidação", afirmou.

Os primeiros passos dados pela Whitney no Brasil foram considerados tímidos, mas o grupo planeja uma estratégia mais agressiva para os próximos anos. "Antes da crise financeira global [desencadeada em 2008], um ativo desse setor era avaliado acima de 15 vezes o Ebtida [lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações]. Atualmente, os negócios são

avaliados, em média, em até oito vezes [o Ebtida]", disse. "A margem de lucro também é atraente", afirmou.

Com sede em Dallas, nos Estados Unidos, a companhia decidiu fechar seu escritório em Miami para abrir em São Paulo. Segundo Aguiar, um time de fusões e aquisições está sendo criado para tocar os negócios no país. "Temos planos de abrir o capital quando atingirmos a marca de 300 mil estudantes na América Latina, mas faremos o IPO nos Estados Unidos", disse. Neste ano, o grupo prevê receita de US\$ 244 milhões em 2011, um crescimento de 290%, se comparado a 2006, quando o grupo começou a fazer as aquisições.

### **Foco Educacional avalia negócios na educação básica**

*Paola de Moura*

Enquanto o mercado de educação superior é disputado por grandes grupos, a gestora de recursos carioca Local Invest está de olho no ensino básico. Em março, a empresa criou a holding Foco Educacional e no mês seguinte fez sua primeira aquisição, o colégio Anglo-Americano, do Rio. Agora, negocia a compra de outras quatro instituições - uma delas em Niterói - e de um sistema de ensino, segundo Luis Fernando Pessoa, sócio-fundador da Local Invest.

"Hoje, o setor privado de ensino básico tem 7 milhões de alunos e 20 mil colégios no país. Muitos são negócios familiares, de uma professora que começou sua escola e deu certo. Mas a maioria sequer tem uma contabilidade organizada", diz Pessoa. "Não existe uma rede de ensino básico nacionalmente forte".

Ele não revela o valor da compra do colégio Anglo-Americano - tradicional escola de classe média do Rio de Janeiro que pertencia ao senador Ney Suassuna. Seu filho, Rodrigo Suassuna, diretor da escola, assumiu o cargo de diretor-presidente da holding. "Nosso negócio é investimento, precisávamos de um parceiro que entendesse de educação", afirma Pessoa. O Anglo-Americano tem cinco unidades no Rio, trabalha também com ensino a distância, e um total de 3,5 mil alunos.

O objetivo da Foco Educacional é ousado: ter 80 mil alunos em quatro anos, dos quais 40 mil no ensino básico presencial. Para isso, pretende abrir, adquirir ou ampliar redes em cidades que estão crescendo graças a investimentos públicos e privados, como São Gonçalo e Itaboraí, onde ficará o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). "A Petrobras vai levar 6 mil trabalhadores para lá que vão precisar de ensino de qualidade", afirma Pessoa.

Na estratégia do grupo estão todas as classes sociais. "Nós fazemos pesquisa de mercado para ver o que cabe em cada região. Hoje, por exemplo, há uma demanda enorme de escolas para a classe AA na Zona Sul do Rio de Janeiro", observa.

Na mira da Foco Educacional também estão os municípios de Petrópolis, Macaé, Juiz de Fora, cidades do Vale do Paraíba no Rio, entre outras. Para gerar escala, o grupo também quer investir em ensino técnico profissionalizante. "É raro ver atualmente escolas privadas técnicas. O que temos são as Cefets, Faetecs e o Senai". Os colégios adquiridos teriam aulas normais de manhã e à tarde, e seriam transformados em escolas de ensino profissionalizante no período da noite.

Além de escolas físicas, a holding também está voltada para negócios no segmento de educação a distância e na área de sistemas de ensino (instituições que vendem apostilas e metodologias de educação).

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 24 out. 2011, Empresas, p. B4.**